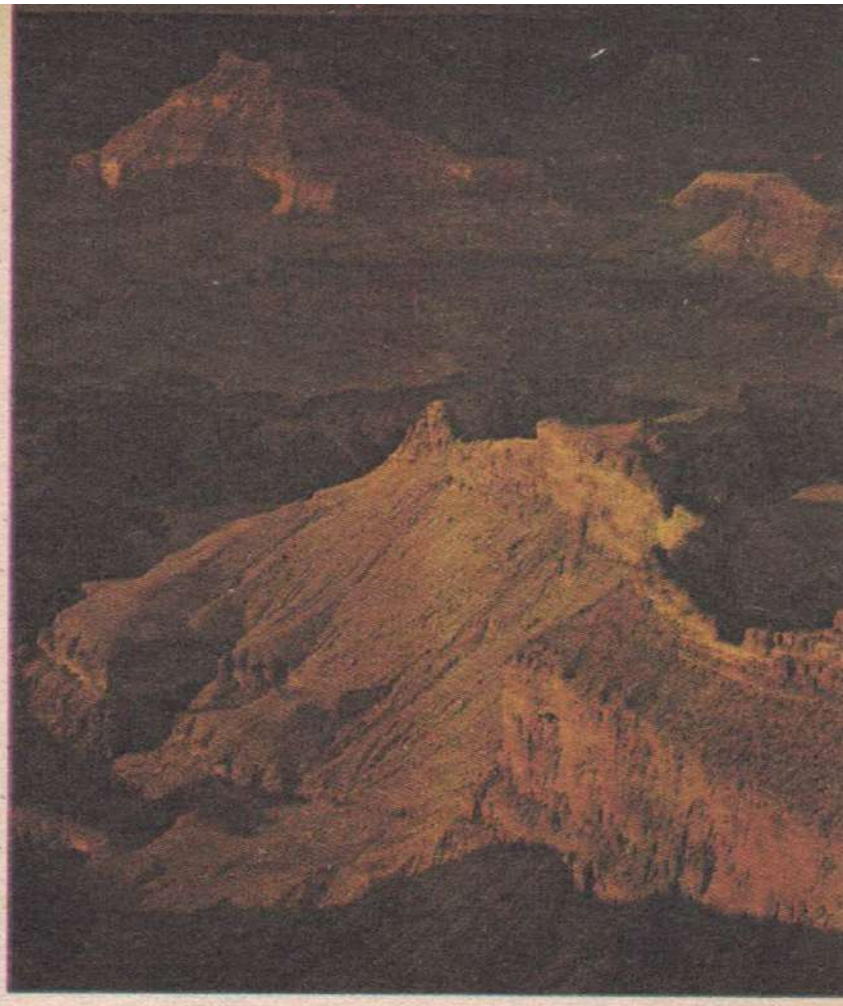
Na opinião deste homem, que conhece o mundo inteiro, estas são

As sete maravilhas da natureza



RAY ATKESON

O Grand Canyon ao pôr-do-sol, visto de South Rim

LOWELL THOMAS

HÁ MUITOS anos, no séc. II a. C., quando o escritor grego Antípatro selecionou as Sete Maravilhas do Mundo, só se referiu a grandes trabalhos realizados pelo homem, sem citar uma sequer das obras-primas da natureza. Contudo, a pura verdade é que nem mesmo a mais sublime das criações do homem se compara às grandes realizações da natureza. Por isso, convido o leitor a admirar estas sete obras da criação, que considero das mais extraordinárias e maravilhosas de todas as que tenho visto ao longo de uma vida inteira viajando pelo mundo.

Grand Canyon, o maior desfiladeiro da Terra

APOSTO que você nunca viu nada tão impressionante como esta imensa garganta na parte norte do Estado do Arizona. Ela é, como disse o naturalista John Muir, «tão extraterrena, quer nos tons de seu colorido, quer na imponência ou na perfeição de seu perfil, que você se sente como se estivesse em outro planeta».

Com 450 quilômetros de comprimento, de 6,5 a 29 quilômetros de largura e mais de um quilômetro e meio de profundidade, o Grand Canyon é uma admirável fantasia de majestosos penhascos, abismos e pi-

O arco-íris enquadra as majestosas Cataratas Vitória; em primeiro plano, as cataratas secundárias

náculos rochosos. De suas margens, pode-se apreciar um extraordinário esplendor de tonalidades que nenhum artista conseguiria reproduzir. À medida que as horas passam, vão se notando espetaculares mudanças de cambiantes: diversos arco-íris ornamentam os véus de neblina; fileiras e mais fileiras de morros em forma de catedrais, envoltos em azul e púrpura, por vezes se apresentam matizados de lindos laivos dourados e flamejantes.

Lá no fundo desse imponente desfiladeiro, corre o turbulento rio Colorado, o «cinzel» de que a natureza se serviu para esculpir tão admirável obra. O rio, impetuoso e cheio de corredeiras, escavou o Grand Canyon, mas, nas palavras do romancista inglês J. B. Priestley, «quando ali estamos, pressentimos que o rio deve ter recebido instruções de Deus».

Victoria Falls, «a fumaça que troveja»

PARA muitas pessoas, existe algo de hipnótico e de apavorante em todas as grandes cataratas. A violenta impetuosidade das águas do rio, somada à vigorosa força que adquirem quando se lançam naquele medonho mergulho, constitui na realidade um dos mais surpreendentes espetáculos da natureza.

Já vi as principais cataratas de todo o mundo, mas aquelas que mais apreciei foram as grandes Victoria Falls, na fronteira da Zâmbia com a Rodésia. As quedas têm 120 metros de altura e 1.500 metros de largura. Ali, o rio Zambeze, com 2.600 quilômetros de comprimento, despeja cerca de 285 milhões de litros por minuto, sobre um penhasco e depois sobre outro, entrando num «funil» que não tem mais que 30 metros de diâmetro, conhecido como Panela Fervente. Devido à extraordinária turbulência e às elevadas pressões que se geram no interior da Panela, compactas nuvens de neblina se elevam no ar, formando, sob a ação dos raios solares, o soberbo espetáculo de um arco-íris visível a vários quilômetros. Muito apropriadamente, os africanos conhecem essas cataratas pela designação de Mosi-oa-tunya, «a fumaça que troveja».

Baía do Glaciar, paraíso gelado do Alasca

QUANDO acho que já passei tempo demasiado viajando por desertos ou selvas úmidas, sinto que tenho necessidade de ir para regiões de climas frios. Por isso, não admira que uma de minhas favoritas maravilhas da natureza seja uma região pouco conhecida do Alasca, a Baía do Glaciar, onde as montanhas se elevam abruptamente do mar como em nenhum outro lugar da Terra.

Circundada por um cinturão de montanhas onde as tempestades são freqüentes (ironicamente chamado Cordilheira do Bom Tempo), a Baía do Glaciar, com 11 mil quilômetros quadrados, é um «país de sonhos» coberto de geleiras, enormes muralhas de gelo refulgindo ao sol e imponentes fiordes. As águas da baía estão atravancadas com enormes *icebergs*

RAY MANLEY

ANNAN PHOTO FEATURES

e troncos de árvores fossilizadas que os cientistas acreditam ser anteriores às pirâmides do Egito.

Nesta área encontram-se praticamente todas as variedades da fauna e da flora do Ártico. Ali podemos ver, por exemplo, quase ao nosso alcance e sem temerem o homem, baleias lançando seus jatos dágua, focas deitadas em blocos de gelo flutuantes, ursos de vários tamanhos, corças de cauda preta, alces-americanos, lobos, carcajus e grandes bandos de aves árticas e aquáticas.

Na Baía do Glaciar, não existe nada fixo ou estático – é um mundo em constante mobilidade, que constitui para os cientistas um excelente laboratório para nele estudarem os processos evolutivos do nosso mundo. Os enormes glaciares vão se formando lentamente, até atingirem dimensões incríveis, e depois começam a deslizar majestosamente para o mar, devastando imensas extensões de florestas e deixando atrás de si o terreno raspado, onde um novo ciclo de vida irá recomeçar. Como disse um cientista: «Assistir àquelas mutações é como estar presenciando a própria criação do mundo.»

Caverna do Mamute, o velho labirinto do Kentucky

MAMUTE é a palavra mais apropriada para descrever aquele imenso labirinto de passagens subterrâneas. A caverna é uma deslumbrante fantasmagoria de coloridas formações esculpidas pelos séculos: grutas de indescritível variedade, câmaras em forma de castelos, cúpulas, «salões», cascatas e lagoas de águas cristalinas.

O Glaciar Muir, em sua singela beleza, no Parque Nacional da Baía do Glaciar, Alasca

Suntuoso conjunto de formações de gesso da «Avenida de Cleveland», na Caverna do Mamute

DEPARTAMENTO DO INTERIOR DOS ESTADOS UNIDOS

Estalactites pendem dos tetos, como enfeites de árvores de Natal, enquanto exóticas estalagmites se erguem do solo da caverna. Formações com aspecto de flores, outras com formas bizarras de animais, árvores e cascatinhas (tudo isso criado ao longo de milênios pela ação das águas subterrâneas sobre as camadas de calcário) embelezam as paredes e os tetos da caverna.

Qual é a idade da Caverna do Mamute? Supõe-se que sua formação deva ter começado há cerca de 240 milhões de anos. Foram ali encontrados artefatos feitos pelos índios, o que prova que a caverna foi habitada ainda anteriormente ao ano 500 a. C. Uma das curiosidades que os visitantes não devem perder é uma múmia ainda em razoável estado de conservação, com 2.400 anos, de um índio que deve ter morrido esmagado por uma pedra que se desprendeu; a múmia é conhecida como «Lost John». Este vasto mundo subterrâneo foi descoberto em princípios do século XIX, quando um caçador que perseguia um urso ferido deu com a entrada da caverna.

A Caverna do Mamute ainda não está inteiramente desvendada; de vez em quando, exploradores descobrem novas passagens. Há menos de dois anos, foi encontrada uma galeria que liga a Caverna do Mamute com uma rede de grutas ainda mais ampla, chamada Flint Ridge, aumentando assim para 232 quilômetros a extensão dos túneis já descobertos no subsolo do Estado de Kentucky. Outras explorações mais recentes ampliaram essa extensão para um pouco mais de 247 quilômetros, mas ainda existem

muitos quilômetros de prováveis maravilhas subterrâneas onde o homem não conseguiu entrar.

Monte Everest, o cume da Terra

QUANDO se admira uma montanha, existe algo nela que impressiona profundamente o espírito humano e lhe desperta um incontido respeito pelas poderosas forças da natureza – e quanto mais alta for a montanha, mais intensas serão essas emoções. De todas as montanhas da Terra, as mais altas são as da cordilheira do Himalaia, com altitudes médias de seis mil metros. A mais elevada de todas é o Monte Everest, situado entre o Nepal e o Tibet, com mais de 8.500 metros de altitude.

Parte da história do Everest foi descrita pelos heróicos montanhistas que, desde os princípios da década de 1920, iniciaram as tentativas para chegar ao cume da montanha. Realizaram-se oito expedições, nas quais alguns participantes morreram, antes que o Monte Everest tivesse sido finalmente alcançado em 1953, após vários meses de preparativos e de escaladas, pelo apicultor neo-zelandês Edmund Hillary, de 33 anos, e seu companheiro Tenzing Norgay, do povo sherpa, que vive nas encostas do Himalaia. As primeiras notícias dessa façanha chegaram à Rainha Elizabeth da Grã-Bretanha precisamente na véspera de sua coroação, e tal foi o júbilo provocado pela boa nova que é difícil dizer qual dos acontecimentos foi mais falado – se a coroação da rainha ou se a escalada do Everest.

Baikal, o grande lago da Sibéria

IMAGINE um lago de água doce com 620 quilômetros de comprimento (mais do que a distância Rio-São Paulo ou do que o comprimento máximo de Portugal); com uma superfície de 33.500 quilômetros quadrados (maior que o Estado de Alagoas ou que um terço de Portugal continental). Imagine esse lago rodeado por montanhas cobertas de densa vegetação, a mais alta das quais tem 2.500 metros, e imagine suas margens atapetadas pela vegetação característica das tundras, profusamente enfeitadas de flores silvestres. Se completar esse quadro em sua imaginação, terá uma idéia do que é o lago Baikal, a cerca de 65 quilômetros da cidade de Irkutsk, na região sueste da Sibéria.

Com mais de 1.500 metros de profundidade em certos pontos, o lago Baikal contém um quinto da água doce existente no nosso planeta. O lago em si e as regiões limítrofes abrigam cerca de 1.800 espécies de fauna e flora, dois terços das quais não podem ser encontrados em nenhuma parte do mundo. Entre as espécies raras existe, por exemplo, o *golomyanka,* um peixe tão transparente que quase se pode ler o jornal através dele; outra das particularidades do golomyanka é que ele não põe ovos, como os outros peixes, mas dá à luz os filhotes. Os cientistas também não conseguem explicar a origem das 40 mil focas do lago Baikal. Como terão conseguido chegar até lá, se o lago fica a 1.500 quilômetros do mar? Uma das hipóteses admissí-

KAZUNARI YASUHISA

A majestade do Everest se destaca na cadeia do Himalaia

SHOSTAL ASSOC.

EMIL SCHULTHESS

O lago Baical, a mais profunda reserva de água doce do mundo

A água quente que se filtra através das rochas evapora-se, constituindo as Fontes Térmicas de Mamute, no Parque Nacional de Yellostone

veis é a de que as focas teriam ficado presas ali quando o lago Baikal, em tempos pré-históricos, deixou de ter uma possível ligação com o Oceano Ártico.

Parque Nacional de Yellowstone, um mundo à parte

DE TODOS os lugares da Terra onde as belezas e as obras-primas da natureza são prodigamente exibidas, haverá algum que suplante o Parque Nacional de Yellowstone, nos Estados Unidos? Abrangendo 7.988 quilômetros quadrados, que se estendem pelos Estados de Wyoming, Montana e Idaho, este parque constitui a primeira e a maior de todas as reservas naturais dos Estados Unidos destinadas à recreação pública.

Originado de erupções vulcânicas e depois moldado pelas geleiras da Era Glacial, o Yellowstone constitui um mundo à parte. A extraordinária variedade de suas atrações inclui elevadas montanhas, ruidosas cataratas, que se despencam em gargantas que chegam a ter 300 metros de altura, cerca de 10 mil fontes termais e lagoas de água quente, onde a água fervente borbulha em charcos de todas as cores, e ainda a maior quantidade de gêiseres do mundo, jorrando para o alto suas colunas líquidas quase com a pontualidade de relógios.

Povoando todo o parque, existe uma enorme variedade de animais cujas espécies estão rigorosamente protegidas: cerca de 16 mil veados, mil alces-americanos, 600 bisões, 500 ursos pretos e 300 ursos pardos. Além desses mamíferos, encontram-se muitas outras espécies de animais menores e aves, entre as quais os raros patos-trombeteiros.

Mais de dois milhões de pessoas visitam anualmente o Parque Nacional de Yellowstone e ficam maravilhadas. Gosto de ir lá no rigor do inverno, quando posso me sentir mais a sós com a natureza e apreciar melhor os gêiseres; mas o parque é espetacular em qualquer época do ano. Só uma pessoa muito insensível deixará de notar aquilo que John Muir prenunciou quando, ao sugerir que fossem mostradas a todos as incomparáveis belezas do parque, escreveu: «A paz da natureza o inundará como a luz do Sol inunda as árvores. Você sentirá a brisa fresca do vento e apreciará o furor das tempestades. Suas preocupações se desvanecerão como folhas secas que o outono levou.»

Na minha opinião, essas palavras são válidas para todas as maravilhas da natureza.

QUANDO um avião de transporte se preparava para aterrissar no campo de pouso da pequena ilha de Gan, no Oceano Índico, a torre de controle de lá avisou que seu sistema de radar estava quebrado.

O piloto, verificando atentamente a tela de seu radar, onde o ponto luminoso acusava a torre, respondeu: «Não se preocupe. Já o localizei no meu radar. Mantenha a *sua* posição.» – D. R. H.